

BRAGA BEZERRA, BEATRIZ

Sociedade de consumo e o universo 24/7

Matrizes, vol. 11, núm. 1, enero-abril, 2017, pp. 213-216

Universidade de São Paulo

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143050607012>

Sociedade de consumo e o universo 24/7

Consumer society and the 24/7 universe

■ BEATRIZ BRAGA BEZERRA^a

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Programa de Comunicação e Práticas do Consumo. São Paulo – SP, Brasil

CRARY, Jonathan.

24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono.

São Paulo: Cosac Naify, 2014. 144 p.

RESUMO

Em *24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono*, Jonathan Crary ilustra em diversas situações as interferências do capitalismo e dos avanços tecnológicos sobre a humanidade. As intensas relações com os dispositivos eletrônicos, a submissão ao trabalho e ao ritmo produtivo acelerado, bem como a devoção ao consumo material são apontadas pelo autor como efeitos colaterais da globalização neoliberal. O universo 24/7, defende Crary, cerca nossas vidas e nos aprisiona em uma realidade sem descanso.

Palavras-chave: Capitalismo, sociedade de consumo, universo 24/7

^a Doutoranda pelo Programa de Comunicação e Práticas do Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (PPGCOM/ESPM) e bolsista Capes/Prosup. Integrante do Grupo CNPq de Pesquisa em Subjetividade, Comunicação e Consumo do PPGCOM/ESPM. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-0443-0492>. E-mail: beatriz.braga@hotmail.com

ABSTRACT

In the book *24/4: Late capitalism and the ends of sleep*, Jonathan Crary presents several examples to discuss the interferences of the capitalism and technological development on the humankind. The intense relationship with gadgets, the submission to the labor logic and the speed of productivity, as well as the man's devotion to material consumption are highlighted by the author as collateral effects of the neoliberal globalization. The 24/7 universe defended by Crary surrounds our lives and binds us to a restless reality.

Keywords: Capitalism, consumer society, 24/7 universe

JONATHAN CRARY (2014: 24) afirma que “no paradigma neoliberal globalista, dormir é, acima de tudo, para os fracos”. A partir desse trecho, é possível vislumbrar o escopo delineado pelo livro: economia e globalização norteiam o debate em torno das lógicas de produção e práticas de consumo, bem como de suas consequências ao ser humano e ao meio ambiente.

Professor e crítico de arte, Crary leciona desde 1989 na Columbia University em Nova York. Ganhou visibilidade com os livros *Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX* (1990; publicado no Brasil em 2012) e *Suspensões da percepção: atenção, espetáculo e cultura moderna* (2000; com edição brasileira em 2013). Sua produção tem como foco, em sua maioria, temáticas relacionadas à arte contemporânea observando, principalmente, a atuação do olho humano em diversas esferas. Em 2013, publica *24/7 – Capitalismo tardio e os fins do sono*, traduzido para o português no ano seguinte.

Nesta obra, discorre sobre as diversas situações em que a história da humanidade cedeu às transformações advindas do universo capitalista e tecnológico. Realista e preocupado, o autor indica o sono como a última instância a nos limitar da rotina de consumo, trabalho e socialização. Estariamos, de acordo com sua tese, cercados por um universo 24/7: uma vida em que a produção é contínua e o mercado está, sobretudo por meio das tecnologias, disponível para trocas sem pausas ou descansos.

Organizado em quatro capítulos, o livro resgata, no primeiro deles, situações que descrevem como, com o passar do tempo e o avanço das pesquisas científicas, a sociedade encontrou formas de impulsionar longas jornadas de trabalho e de esforço físico. Projetos com soldados de guerra, por exemplo, treinavam os combatentes para permanecer em ação por dias sem dormir. No cotidiano capitalista 24/7, remédios contra o sono e outras estratégias para acelerar a atividade do corpo evidenciariam a adoção desse estilo de vida que tem por princípio o funcionamento contínuo.

Crary aponta que o ambiente 24/7 pode ter consequências custosas para os indivíduos e para o planeta. A transformação das cidades em verdadeiros *shopping centers* e a exigência por um desempenho maquínico ignora a fragilidade de nossa condição humana. O consumo de produtos, serviços, informações, imagens e matérias sobrecarrega corpo e mente, além de promover catástrofes ecológicas. Para a lógica 24/7, “o sono é uma interrupção sem concessões no roubo de nosso tempo pelo capitalismo” (Ibid.: 20). Podemos mercantilizar nossas necessidades, nossos desejos e até mesmo nossas relações de amizade. O sono, no entanto, permanece – de modo incongruente – não colonizado.

No segundo capítulo, podemos entender como a experiência no ritmo de vida 24/7 pode ser opressora. Com uma oferta de atividades sem limites, nosso tempo social ou pessoal é sugado por inúmeras solicitações. Nossa visualidade é enfraquecida e

homogeneizada diante dos fluxos acelerados e redundantes de informação. Sofremos redução das capacidades mentais e frequentemente nos esquecemos de fatos que se sobrepõem na intensa agenda midiática. Conteúdos e produtos se submetem à lógica da obsolescência programada. Em busca de aprimoramento, ou até mesmo da substituição, transformamos nossos hábitos de consumo perante a simulação da novidade.

Sobretudo no consumo de equipamentos tecnológicos, como tablets e smartphones, o curto tempo de uso de cada modelo elimina a familiaridade com o aparelho fazendo que sua função facilitadora de atividades perca espaço para a contínua aprendizagem e manuseio do próprio objeto. A efemeridade e a decadência marcam a posse desses produtos. No entanto, a demanda contemporânea por uma administração pessoal contínua valoriza a sensação de estar atualizado e de pertencer intensamente ao universo digital. As vivências cotidianas, agora, estão fundadas nos equivalentes on-line. “O fio condutor principal agora são as mercadorias eletrônicas e serviços de mídia por meio dos quais toda experiência é filtrada, gravada ou construída”, afirma Crary (*Ibid.*: 67).

O terceiro capítulo retoma o momento da chegada da eletricidade e as alterações daí advindas no mundo do trabalho. A reorganização do tempo, a quebra das barreiras cíclicas da agricultura e, consequentemente, a implantação de escalas e operações ininterruptas modificaram os sistemas de produção. Com essa reestruturação, a comunicação e a circulação de informação são intensificadas e agilizadas. O cotidiano passa a ser permeado pela disciplina, pelo controle e por hábitos de consumo construídos e destinados ao compartilhamento estacularizado. No universo 24/7, devemos esquecer o anonimato e permanecer visíveis, à mostra. Passamos – sem outra opção – a nos administrar e nos modelar.

A ubiquidade da comunicação se transforma em negócio. Para Crary (*Ibid.*: 85), “a economia da atenção dissolve a separação entre o pessoal e o profissional, entre entretenimento e informação, desbancados por uma funcionalidade compulsória de comunicação inerente e inescapavelmente 24/7”. A massiva difusão da televisão impôs critérios de inclusão, e a condição de espectador deflagrou uma similaridade comportamental característica de uma pauta de controle. Desestabilizando eixos como o público-privado, a televisão toma a frente de outras instituições reguladoras como a escola. Seu efeito sedentário logo deixou de respeitar as tradicionais rotinas de sono e – como presenciamos hoje – uma crescente quantidade de canais passou a produzir conteúdo sem pausas noturnas. Depois dela, o computador pessoal. Depois dele, os diversos aparelhos smart. Antigas e novas funcionalidades são sintetizadas e disponibilizadas nos deixando ainda mais encantados e dependentes da tecnologia.

O último capítulo do livro traz alguns exemplos filmicos para elucidar a reflexão sobre a imaginação, a ilusão e o mundo dos sonhos. Associando espaços e conteúdos

em que sistemas internos ganham exterioridade – como o cinema ou as teorias da interpretação dos sonhos – Crary ressalta a importância das relações em rede: “não há como ignorar o quanto a internet e as comunicações digitais se tornaram o motor da financeirização e mercantilização implacáveis de um número cada vez maior de esferas da vida individual e social” (Ibid.: 109). Enquanto partícipes desse fluxo mercantil digital, tendemos a nos comparar às mercadorias e perseguir nossa otimização. Os ambientes digitais reconfiguram o indivíduo, e este resulta em um misto de consumidor e também produto para consumo. A cultura de massa e a espetacularização de nossas vidas solicita a construção de identidades variadas a cada espaço distinto que fazemos login, como “extensões do eu” (Ibid.: 114).

Reverbera desse aspecto, por outro lado, a possibilidade de que a conquista da felicidade pode não estar diretamente relacionada à aquisição de bens materiais, mas sim da relação compartilhada em grupos e endossada pela experiência coletiva. O autor finaliza o livro defendendo a utilização das mídias eletrônicas em função de ações que se deem e se desenvolvam off-line, caso contrário, se mostraria – com o passar do tempo – em vão. Ele retoma, ainda, a conexão afetiva que se estabelece com outras pessoas enquanto dormimos: “O sono é uma das poucas experiências restantes na qual, saímos ou não, nos abandonamos ao cuidado de outros” (Ibid.: 134).

O livro é, portanto, um combinado de argumentos que descrevem a tese 24/7. Capitalismo, consumo, trabalho, sono, experiência mediada, dependência, internet, submissão e controle poderiam ser elencadas como palavras-chave da teoria aqui postulada por Crary. Ao término da obra, o leitor poderá concluir que seus atos diários são regidos por um sistema mais amplo do qual ele não pode se libertar, mas – na medida do possível – pode tentar se defender, caso queira. A hegemonia do sistema capitalista em seus respectivos desdobramentos é desvelada por Crary em situações cotidianas de modo que todos consigam visualizar sua presença e atuação. Com a defesa da tese, constata-se que, principalmente por meio das tecnologias, somos levados e guiados pela lógica 24/7, e isso pode nos servir como um verdadeiro alerta. ■

REFERÊNCIAS

- CRARY, J. *Suspensões da percepção*: atenção, espetáculo e cultura moderna. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- _____. *Técnicas do observador*: visão e modernidade no século XIX. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

Artigo recebido em 23 de novembro de 2016 e aprovado em 7 de março de 2017.